

DO GARIMPO AO DESENVOLVIMENTO: O BRILHO DO OURO NAS SERRAS DE JACOBINA-BA

SARA OLIVEIRA FARIAS

Professora Assistente da UNEB; Professora da FACTUR

Doutoranda em História pela UFPE

Resumo: O artigo discute o significado da história do ouro na cidade de Jacobina, município da Bahia, historicizando como a imprensa e seus moradores, particularmente garimpeiros e mineiros, construíram memórias sobre o trabalho da exploração do ouro, durante o período da garimpagem na década de 1930 e, também, durante o período de mecanização da atividade mineradora, no período de 1970 até a década de 1990. *Palavras-chave:* Jacobina-Ouro-Memória

Abstract: The article discusses the connotation of the history of the gold in Jacobina city, district of Bahia, tracing how the local press and Jacobina's inhabitants, mainly the gold panners and miners, put together the mining memories throughout the period of clandestine mining in 1930s and mechanized operations from 1970s to 1990s. *Key-words:* Jacobina-gold-memory

“(...) E tá lá pra todo mundo ver o buraco, ele tirou três quilos de ouro. Ele contou pra “nós” que sonhou. Ele bateu em cima, em dois dias ele achou o ouro, dois dias. Comprou carro, comprou casa, comprou tudo(...)

“(...) Diz que tem um dom, sonha ou tem um dom, um pensamento: vou cavar aqui, que aqui tem ouro, aí cava. Às vezes dá certo, outras vezes não(...)”
(João Clarindo, ex-garimpeiro da cidade de Jacobina)

As memórias de seu Clarindo, ex-garimpeiro de Jacobina, cidade localizada no nordeste da Bahia, fazem reviver o tempo da garimpagem do ouro. Estas e tantas outras memórias narradas embalaram muitos dos sonhos das personagens que vivenciaram a exploração do ouro em diversas cidades do Brasil. O fascínio da descoberta do ouro, acenando com a possibilidade de enriquecimento, sempre permeou o imaginário dos chamados bandeirantes, exploradores, garimpeiros ou apenas homens em busca de uma vida melhor para si e sua família.

Discutir o significado da história do ouro na cidade de Jacobina é o que se pretende neste estudo. Que representações, que sentidos tem essa memória para seus moradores, em especial para aqueles que se lançaram à caça de ouro, em um primeiro momento, na atividade do garimpo e, posteriormente, para aqueles que trabalharam na mineração mecanizada das empresas multinacionais.

A trajetória da história do ouro é importante para compreender o processo de desenvolvimento de Jacobina em suas diversas fases. A história da cidade esteve sempre associada ao ouro, desde sua origem, no século XVII, quando foi descoberto na Serra de Jacobina, constituindo-se em um novo estímulo para o povoamento do nordeste da Bahia.¹ Braz do Amaral escreveu sobre a origem histórica da cidade. “A importante povoação, hoje cidade, da Jacobina teve sua origem na exploração do ouro da região em que foi ella fundada”.²

A exploração do ouro vem intensificar o povoamento na região, que já ocorria com a criação dos currais de gado, mas foi com a atividade mineradora que a vila de Jacobina ficou conhecida na Bahia, como também pelas autoridades portuguesas. Alguns viajantes retrataram Jacobina, destacando seu papel aurífero:

“(...) Em Jacobina, exploram-se ainda hoje algumas minas de ouro, e ali, ou em Vila do Príncipe, é fundido todo o ouro encontrado na província da Bahia”(...)³

A imagem do ouro associada à cidade se cristalizou na memória de seus moradores, de forma que, até hoje, é conhecida como “cidade do ouro”, apesar dos períodos de esplendor e decadência da exploração aurífera. Mas as atividades produtivas parecem ter sido predominantemente relacionadas à agricultura e à pecuária, apesar das estiagens prolongadas, dificultando em muitos períodos o desenvolvimento econômico da cidade.

A memória das pepitas de ouro lavradas, num primeiro momento, no leito do rio e, posteriormente, nas serras, fascinou tanto moradores locais quanto pessoas vindas de outras regiões da Bahia e do Brasil. Discutir essas memórias é importante para a compreensão de como, ao longo dos anos, a memória de uma cidade vai sendo atualizada, (re)significada, (re)elaborada. A memória do ouro em Jacobina poderá ser entendida não apenas como uma busca frenética de riqueza por moradores e pessoas oriundas das diversas regiões, mas também como uma oportunidade de trabalho e de sobrevivência.

O artigo discute como a memória da “cidade do ouro” foi construída/reconstruída ao longo do século XX. A compreensão dessa construção apóia-se nas notícias dos jornais locais, em que ouro e progresso associavam-se como única saída para “salvar” a cidade do empobrecimento. Os exemplares disponíveis para pesquisa cobrem a década de 30 e, neles, serão selecionados os discursos construídos em prol da exploração do garimpo.

Para as décadas de 1970 a 1990, serão analisados jornais locais que afirmam a importância da cidade no cenário local e nacional, devido à existência da mineração na cidade, além de apontarem os impactos positivos e negativos causados pela instalação da empresa Morro Velho. Os períodos serão contrapostos para se analisar e compreender os sentidos dos discursos da imprensa, das autoridades e representantes políticos de Jacobina sobre a atividade de exploração do ouro. Os discursos serão compreendidos em nossa pesquisa como produção de formas de pensar,

de perceber, de agir. Ou, como diria Michel Foucault, produção de realidade. O poder e o saber estão associados a essa produção.⁴

Também serão analisados planos de pesquisa sobre a exploração do ouro e documentos sobre contendas de posse de terras, existentes no Arquivo Público da Bahia. Em Jacobina, foram pesquisados processos cíveis e criminais, documentos da Câmara de Vereadores de Jacobina, além de alguns depoimentos de moradores que vivenciaram a experiência do trabalho nas minas. A documentação sobre a mineração em Jacobina é esparsa, o que dificulta uma análise mais precisa da temática em questão, mas, num primeiro levantamento da documentação, algumas problemáticas foram colocadas, por considerarmos pertinentes para a pesquisa.

O estudo destacará o povoado do Itapicuru, onde foi iniciada a atividade da exploração do ouro e também onde, nas décadas de 1970 e 1980, foram realizados estudos de viabilização para exploração das minas e sua posterior instalação. É o cenário de Jacobina, na década de 30, quando a exploração do ouro foi reiniciada no povoado do Itapicuru, que se pretende analisar a seguir.

As Minas do Itapicuru

O povoado de Itapicuru ficou registrado na memória dos habitantes de Jacobina pela febre aurífera na década de 1930. Esta região transformou-se, nos períodos seguintes, em local de instalação de Companhias de Mineração, mas seu impulso aconteceu, também, por meio de garimpeiros pobres em busca do brilho e da riqueza do ouro. O fascínio pela riqueza, o fascínio de ter nas mãos as pepitas douradas de poder e glória atraía esses garimpeiros, mas que também buscavam melhores condições de vida.

Contam os mais antigos, notícia divulgada pela imprensa local da época, que um comerciante chamado Leonídio Miranda reiniciou a exploração no lugar e se tornou um dos grandes exploradores do serviço de ouro. A notícia se alastrou pela cidade de Jacobina e cidades vizinhas e as pessoas começaram a chegar em busca do ouro, símbolo de riqueza e poder. Esse símbolo sempre esteve associado à história e à construção da memória da comunidade de Jacobina.⁵

A História de Leonídio simboliza o ideal de enriquecimento rápido para uma parcela significativa de trabalhadores pobres, muitos sem atividade fixa. Leonídio também foi considerado pela memória da cidade como responsável pelo reinício da exploração aurífera, despertando posteriormente os interesses de companhias mineradoras, a exemplo da Companhia das Minas, que alegava ser proprietária das terras do Itapicuru desde 1887, época em que foi iniciada a exploração do ouro pela empresa. Em 1895, suas atividades foram paralisadas, retornando em meados de 1930⁶. A Companhia reclamou na justiça a posse das minas, alegando que Leonídio Miranda e seus garimpeiros “invadiram as ditas terras e serviços de mineração, sem a menor licença da requerente e lá se encontram...” Afirmavam que a “Cia. Minas de Jacobina S.A, era a proprietária e possuidora de terrenos e minas na zona do Itapicuru, compreendendo toda a extensão do Corrego ao Cafundó, conforme títulos regulares de aquisição e posse, de mais de cinquenta anos, e registro no Departamento da Produção Mineral em virtude de invasões cometidas pelos agravantes e outros, propôs contra elles (Leonídio e seus companheiros) a presente acção summaria de manutenção de posse (...)”.⁷

Leonídio Miranda e seus companheiros de garimpagem contestaram a ação movida pela Companhia das Minas, alegando possuírem o direito de posse das terras. O advogado de Leonídio argumentava que:

*“Em 1935, o agravante Leonídio Miranda transportara-se do Município de Djalma Dutra, para o sítio do Itapicuru, deste distrito e Município de Jacobina, trazendo consigo cerca de 300 garimpeiros a título de faiscação do ouro...resolve agora, em 1936 se reconstituir e quer dominar todo esse percurso de serras auríferas, onde se espalham cerca de 2000 (dois mil) garimpeiros. Quer a agravada despejar essa gente [...] quer pôr para fora das serras esse povo e consequentemente extinguir o arraial [...]”*⁸

A defesa de Leonídio pela posse das terras foi construída sob o discurso da legitimidade do uso das terras pelo garimpeiro, como previa o código de minas de 1934. Leonídio e seus garimpeiros chegaram ao

Itapicuru, numa época em que este se encontrava abandonado. É pelo discurso da antiguidade, das descobertas, que se tenta garantir o uso das terras. A imagem do fundador, do responsável pela multiplicação da população e pelo desenvolvimento do Itapicuru é construída para legitimar os trabalhos dos garimpeiros sob o comando de Leonídio.

O discurso do trabalho em busca de uma vida melhor é contraposto aos interesses da Companhia, que estaria apenas “*ambicionando o ouro, que milhares de garimpeiros vinham extrahindo das serras do Itapicuru*”. Além de querer tomar posse de terras que, segundo Leonídio e seus companheiros, não lhes pertenciam como, por exemplo, “*as serras de Jacobina*”. O discurso da usurpação do direito de posse argumentado pela Companhia contra os garimpeiros aqui é retomado por eles como acusação contra a Companhia. Denunciavam também o caráter exploratório da Companhia em relação aos garimpeiros faiscadores que trabalhavam na Serra do Vento, cobrando deles a quantia de “*3#000 (três mil réis) sob a coação violenta da força física*”.⁹

A luta na justiça teve início em 1936 e perdurou por mais de três anos. Por volta de 1939, o Tribunal de Justiça sentenciou favorável à manutenção da posse pela Companhia das Minas. A documentação revela que houve contestação por parte do advogado representante de Leonídio e outros garimpeiros, mas estes terminaram por perder o direito de explorar as terras do Itapicuru.¹⁰

Com a retomada da exploração aurífera nessa época por Leonídio Miranda e, posteriormente, pela Companhia das Minas, o cenário do distrito de Itapicuru passou a ser representado como o lugar do sonho e da riqueza para muitos que se mudaram para a região com suas famílias, em busca da esperança de uma nova vida. O trabalho nelas era árduo, mas o sonho da descoberta de pepitas compensava o sacrifício. A representação do garimpeiro destemido ganhava força nesse período. O reinício da exploração no distrito é sinônimo de prosperidade para a cidade de Jacobina, como assinalou o jornal O Lídador, em 1935:¹¹

“[...] o reinicio dos trabalhos nas minas de ouro do Itapicurú é um dos principais factores dessa evolução.”

O discurso da época atribuía às serras a responsabilidade pelo desenvolvimento da cidade. As serras constituíam “*fonte inexgotavel de riqueza e um formidavel celeiro onde a pobreza conquista o pão*

honestamente". O distrito de Itapicuru caminhava no ritmo das picaretas que trabalhavam freneticamente em busca do ouro nas serras. As feiras livres, termômetro do comércio, se tornaram famosas devido à grande "concorrência" de pessoas do lugar e de outras localidades, atraindo um grande "número de compradores de ouro". Os "barracões", locais onde o ouro era negociado, aumentavam "espantosamente". E "cálculos bem fundados mostram, sem exageros, que 6 a 8 kilos de ouro saem, mensalmente, das minas do Itapicuru, para o Banco do Brasil."¹²

O brilho e a febre da exploração causava uma certa euforia na cidade. O discurso do progresso era o dominante. Com o ouro a cidade se ergueria:

*"O ouro é a alavanca do progresso[...] sem ele não surgiriam as cidades deslumbrantes[...] o ouro é bemdito. Bemdito na moeda que cai na sacola do mendigo; bemdito no pedaço de pão que dá alento ao faminto[...] Como o rio que fertiliza as terras que rega, o ouro precisa ter curso e levar o bem por onde passar[...] o ouro é bom. E porque é bom é ambicionado, invejado e...caluniado."*¹³

O ouro era considerado instrumento de poder e sinônimo de *status*, tanto em Jacobina como em outras localidades do Brasil. O jornal O Lidador difundia a idéia de que ouro traria desenvolvimento e crescimento para cidades como Jacobina. Certamente, a repercussão das novas descobertas de minas no Itapicuru produzia o discurso de uma riqueza que deveria ser bem aproveitada. O jornal ressaltava o caráter "bendito" do ouro, talvez tentando desfazer a representação do ouro como algo proveniente da ambição e da usura dos homens, bem como do seu caráter exploratório. O ouro, na ótica do jornal, é solidário, ou pelo menos deverá ser, com a população mais humilde, levando o alimento e o trabalho para aqueles que precisam. O Lidador escrevia para uma comunidade composta de políticos, escritores, advogados, médicos e alguns letrados. Eles acreditavam que a redenção da economia local ocorreria por meio da exploração aurífera nas serras de Jacobina.

Segundo Cledson Sady, o jornal O Lidador foi fundado em 1933, em Jacobina, por Nemésio Lima, dando continuidade aos trabalhos que já desenvolvia no município de Mundo Novo. Após um "problema

político com o interventor Raul Vitória”, ele sai de Mundo Novo e recomeça a publicar em Jacobina. O Lidador recebe, nesse período, a colaboração de diversos escritores de Jacobina, contando com “grande participação da comunidade. Tratava-se de assuntos diversos, desde política, religião, ciência, poesia, história, notícias locais, estaduais e internacionais...”¹⁴

O jornal enfrentou a oposição da Igreja Católica, por dedicar uma coluna ao Espiritismo, além de criticar “algumas práticas católicas”. A coluna “desagradava à cúpula da Igreja por tocar em assuntos polêmicos, numa cidade de grande maioria católica”. Apesar da postura da igreja, parece que o jornal não teve sua postura abalada. Recebeu mensagens de apoio “de jornalistas e espíritas de Salvador e Rio de Janeiro”. O jornal se manteve na década de 1930 e, pelo que temos notícias, até o ano de 1940. Nemésio Lima agradeceu o apoio e a solidariedade ressaltando que acreditava no progresso de Jacobina e na liberdade de pensamento”.¹⁵

Em 1933, circulou em Jacobina o primeiro número do Lidador, seu proprietário assinalava desde aquele período o caráter “independente” do jornal, além de conclamar a comunidade de Jacobina para fazer assinatura do jornal, porque este se “dedicará” aos interesses da cidade. O jornal se autorepresentava como o moderno, o novo, propagando a idéia do desenvolvimento de Jacobina, principalmente a partir da exploração do ouro. Muitas foram as notícias que tratavam da febre aurífera na década de 1930.

“Ouro: jazidas inexauríveis. A febre actual. Jacobina e suas minas.

A História”.

É o aguilhão mais poderoso da sociedade. Não há coisa que movimente mais o homem do que o ouro. É o único substantivo masculino que se pode contrapor ao feminino mulher. Por causa dele, monarquias, repúblicas, reinos se movimentam para conquistá-lo[...] O termômetro da ganância das pepitas acusa febre alta. São jazidas inexauríveis. São Serras e serras de ouro! Um nunca acabar[...]

*O governo poderá, deixando a política á parte, com ouro de Jacobina fazer a autoterapia das patologicas finanças brasileiras[...]*¹⁶

Jacobina poderia, na ótica do jornal, vir a ser transformada talvez na capital do ouro na Bahia; esse é um discurso que a imprensa ajudava a difundir. O ouro, sua imagem, associada ao poder econômico, ao poder político, configura-se em novos efeitos de sentido e se representa como o salvador e redentor econômico de Jacobina. A febre do ouro produziu também o poder da palavra. O discurso da imprensa da época ajudava a atrair pessoas de variados lugares e recriava na memória de todos a tradição de “cidade do ouro”, criada desde o período da exploração dos chamados bandeirantes. Com a descoberta de novas minas, a cidade começou a ganhar espaço no cenário local e nacional.

O Brasil dessa época é marcado por uma economia de predomínio agrícola, produtos como o café, a mamona e o algodão ditavam a produção econômica das diversas localidades do Brasil, que se apresentava como um país desenvolvimentista, mas que na prática não passava de uma economia ainda muito dependente do mercado externo. Não é de se estranhar, por exemplo, que o discurso sobre a produção de uma riqueza gerada pela atividade mineradora começasse a ganhar fôlego em regiões onde a agricultura e pecuária se desenhavam como únicas alternativas para o desenvolvimento sócio-econômico.

Apesar da tradição agrícola da cidade, era a exploração aurífera que se destacava como atividade econômica preponderante. A nova descoberta de minas de ouro no distrito de Itapicuru irá se constituir, para os dirigentes locais, numa alternativa salvacionista do atraso para retirar a cidade das dificuldades financeiras. Ao mesmo tempo, produzia-se um discurso que o sertanejo poderia finalmente mudar o seu destino.

“Felizmente, depois de um período de verdadeiros sofrimentos para osertanejo, com a secca que assolou desde fins de 1929 a princípios de 1933, surge, agora, como uma redempção, uma nova phase de soerguimento economico, financeiro e moral [...] E ao lado da agricultura e da pecuária surge, vantajosa e intensa, a mineração. O ouro vai despertando na alma sertaneja, como um sonho antigo de

bandeirante, dando-lhe coragem e entusiasmo nesse sacrificio da luta pela vida. Sobe a mais de dois milhares o numero dos que morejam nos garimpos, amparados e estimulados por homens empreendedores, dando assim, um impulso consideravel ao commercio, à industria, a vida economica suma [...] agora, enfim, o garimpeiro sorri para o ouro que lhe brilha promissor no côncavo da mão.”¹⁷

O garimpeiro, constantemente denominado pela imprensa local de sertanejo, também se transformava no desbravador das serras auríferas. A associação trabalho-garimpo-desenvolvimento era constante, na década de 30, e a construção da imagem do garimpeiro seguiu essa lógica. Era com o trabalho dos garimpeiros nas serras de Jacobina que a cidade se reergueria. Foi construída na cidade pelo jornal e também pelos dirigentes locais a figura do herói destemido e aventureiro que se arriscava à procura de metais preciosos. Essa representação ajudava a sedimentar a imagem de Jacobina como cidade promissora, rica e que fazia parte de um Brasil produtor de riquezas, segundo o discurso do governo de Getúlio Vargas.

A imagem associada a Leonídio Miranda não seria diferente. O jornal “O Lidador” semanalmente louvava suas descobertas de minas de ouro. Era atribuído a este o desenvolvimento de Itapicuru “que dia a dia mais confortavel vae se tornando o logarejo, graças á operosidade do nosso amigo Leonídio Miranda, que não poupa esforços em bem servir-o”.¹⁸ O jornal informava sobre o cotidiano nas minas, as descobertas, a elevação da produção do ouro, atribuindo-os ao “desbravador” do Itapicuru. “A nota da semana foi a aventura do incansável Leonídio Miranda, descobrindo importantes jazidas de ouro perto das minas de Itapicuru.”¹⁹

As constantes notícias publicadas no Lidador sobre Leonídio podem indicar uma aproximação deste com o proprietário do jornal, o jornalista Nemésio Lima. E a divulgação da cidade como terra promissora e terra do progresso era utilizada como discurso dominante da época. Leonídio Miranda, enquanto precursor das atividades mineradoras, cidadão respeitado e aliado com o poder local da época, contribuiu para

reforçar essa imagem criada. De acordo com os discursos da época, Jacobina se transformaria na principal cidade do Brasil, graças à riqueza e ao trabalho do garimpeiro.²⁰

E assim foi-se criando um cenário de esperança e muito trabalho. Trabalho conquistado, de acordo com o discurso, com braços sertanejos. A idéia da riqueza, conquistada através do trabalho, permeou os jornais de Jacobina, que seguiam o discurso nacional propagado pela política de Getúlio Vargas. As riquezas produzidas pelo trabalhador dos campos e das cidades ajudariam a construir um novo Brasil. Essa era uma das vertentes do governo Vargas.

A atividade da mineração e a criação de empresas de aço e ferro ajudariam na elaboração de uma política de industrialização tão perseguida por Vargas, embora, na prática, o governo não houvesse “se empenhado a fundo no desenvolvimento industrial sistemático”. O discurso do presidente Vargas intensificava o apelo “aos sentimentos brasileiros de nacionalismo econômico”.²¹

O ouro era brasileiro, pertencia àqueles que “conquistam o pão” nas serras auríferas de Jacobina. Esse discurso contribuiu para que homens e suas famílias acreditassem que, de fato, a riqueza existente nos subsolos brasileiros lhes pertencia. A propaganda em busca do ouro seguia a lógica do discurso que priorizava o nacional. A serra era para todos, principalmente para aqueles homens que trabalhavam arduamente para acalantar o sonho da riqueza. Muitos dos garimpeiros chegavam a Jacobina fugindo de suas localidades por conta das secas que assolavam o estado da Bahia, na década de 30. Entre elas, destacou-se a seca de 1932, que flagelou grande parte do sertão baiano, incluindo a região de Jacobina. O cotidiano sertanejo era marcado por longos períodos de estiagem, o que dificultava o desenvolvimento de uma economia agropecuária, além de ser responsável pelas constantes migrações das populações. Estas buscavam locais onde pudessem trabalhar, fugir da miséria e, conseqüentemente, da morte. Esse cenário contribuiu para construção da idéia de que o ouro, e só ele, era a solução para o desenvolvimento da cidade e para a melhoria da qualidade de vida de seus habitantes. Pela ótica do jornal, o ouro despertava, “na alma sertaneja, o desejo, anseio mesmo de conforto e abastança”.²²

O ouro era a esperança de dias e vidas melhores, apesar da população local não ter essa certeza, mesmo porque certeza era uma palavra desconhecida do vocabulário daqueles que tinham uma vida marcada por muitas dificuldades sociais e financeiras. Renascia, segundo o jornal, “o espírito bandeirante na alma sertaneja”. A memória do bandeirante, do herói, se cristalizou: bandeirante e sertanejo se transformaram em sinônimos, faziam parte da construção de uma memória que relatava os tempos áureos da colonização, da exploração aurífera. O jornal retratava Jacobina como:

“[...] terra dos sertanistas bandeirantes bahianos, dos descobridores... ao pisar em teu solo ouço os passos do Capitão-mor Antonio Lopes Cesar Jacobina, portuguez, colonizador e explorador de ouro... teu solo encobre ao que parece e é da lenda, as minas de prata...”²³

Os colonistas do jornal reafirmavam o “espírito desbravador” dos ancestrais portugueses. Buscava-se no passado as explicações para o presente. Os discursos tentavam prolongar o passado das descobertas das minas pelos colonizadores no presente. A história aparece como uma sucessão de fatos, sem historicidade, aparece como algo linear e contínuo. O passado colonial foi reconstruído continuamente no presente republicano, não apenas como uma forma de exaltação à identidade local, mas sim como uma necessidade do presente.²⁴

O futuro era prognosticado com otimismo, com a esperança de dias melhores e vidas mais dignas. O passado glorioso e heróico dos chamados bandeirantes era refeito para corroborar o discurso criado em outras épocas e repetido no presente pelos diversos segmentos da sociedade de Jacobina. A vocação aurífera estava na ordem do dia. O presente aqui é explicado pelo passado e sedimentado na memória dos habitantes da cidade.

O discurso do progresso fazia renascer as formas de trabalho dos tempos remotos da colônia no cotidiano de garimpeiros e sertanejos. Trabalhavam duramente em busca da sobrevivência, e sonhavam com a sorte. Sonhavam em se tornarem ricos, sonhavam com ascensão social e econômica e com a melhoria da qualidade de vida, embora a experiência do trabalho no garimpo remetesse a uma outra realidade. O discurso da

imprensa, talvez com o intuito de amenizar as condições de vida e de trabalho, construiu a idéia do garimpeiro alegre, trabalhador e insistente, vangloriando a exploração da lavra do ouro “que tem seus encantos, e é por isso que (os garimpeiros) a ela se entregam”.²⁵

O ouro era vendido em maior quantidade por aqueles que possuíam mais garimpos e que tinham garimpeiros trabalhando para si. Restavam aos garimpeiros empregados se contentarem com a sorte que um dia apareceria. Mas o que interessava aos dirigentes de Jacobina era a possibilidade do desenvolvimento local que a retomada da exploração aurífera poderia trazer.

A imprensa, sem dúvidas, foi a grande propagadora da idéia de que o ouro era bom e traria a redenção econômica. O discurso se transformava em verdade. A salvação da cidade de Jacobina foi matéria da ordem do dia por diversos anos. O jornal “O Lيدador”, na década de 30, reproduziu continuamente essa idéia. Os letrados, a elite política e econômica local, sabia o quanto era representativa e eficiente a prática do discurso, que caracterizava a cidade como perfeita e atraente para seus moradores e visitantes.

O trabalho no garimpo era laborioso, até descobrir-se uma pepita. Quando o distrito de Itapicuru ficou conhecido como produtor de ouro, muitas pessoas se fixaram por lá, mas isso não implicava em riqueza imediata. A exploração do ouro era cessante, havia períodos em que se encontrava muito ouro, em outros, desaparecia, fazendo com que os garimpeiros se retirassem do lugar e seguissem novos caminhos, conforme notícias de descoberta de novas minas em outros lugares. Onde se sabia que o ouro estava “dando”, migrava-se para o local. Outros permaneciam sozinhos ou com suas famílias, trabalhando em outra atividade como a agricultura. Seu João Clarindo, ex-garimpeiro, referindo-se ao seu pai, também garimpeiro, disse que este nunca abandonou a “roça”, porque, apesar da seca, esta era uma economia mais certa do que a exploração do ouro. Seu João, por exemplo, “trabalhava (no garimpo) depois saía, voltava, porque furava o garimpo e não produzia, aí desistia daquilo.” Ele afirma que a seca também foi um dos empecilhos para exploração do ouro, pelo fato de Jacobina estar localizada no polígono das secas, o “ouro ficava difícil”. “Todo ouro pra ser apurado precisa de água, se não tiver água não apura o ouro, somente isso. Todo ouro tem que ser com água”. Seu João atribui o

fato de os garimpeiros não enriquecerem por conta desse fator, mas também lembra que alguns conseguiram ganhar dinheiro com ouro, uns ganharam e perderam tudo, outros enriqueceram e abandonaram a cidade, nunca mais retornaram.²⁶

Pelo depoimento de seu João, o ouro é uma riqueza que parece não gerar novas riquezas. A atividade do garimpo parecia construir uma imagem de uma atividade momentânea. Podem-se achar pepitas de ouro em frações de segundo, tudo dependia de encontrar um garimpo “bom”, um garimpo que desse mais. “No garimpo você pode furar aqui hoje e de tarde tá rico, garimpo tem isso”.²⁷ Outras vezes, o garimpeiro explorava uma mina, mas o trabalho árduo não compensava a descoberta. A riqueza tão sonhada e perseguida pelo garimpeiro transformava-se em trabalho. Acreditava-se na sorte, mas não se podia contar sempre com ela.

Seu João atribui ao ouro um caráter quase sagrado, místico. Para ele, o ouro tem vontade e quanto mais usurário o garimpeiro, menos ele encontra o ouro, porque o metal “não gosta de usura”. João Clarindo em seus relatos santifica o ouro, e todos os garimpeiros deveriam respeitá-lo. Sua experiência com a exploração aurífera é singular. Além de falar da prática do trabalho, também retrata uma espécie de código para tratar o ouro, um código moral, herdado certamente de seu pai e de garimpeiros antigos, conservando-o até sua geração. Em seu depoimento, revela-se um homem de fé. Fé que é mais necessária do que a habilidade e sorte para retirar o ouro da serra.²⁸

É também notável sua admiração e orgulho pela cidade de Jacobina. A construção da idéia de pertencer à “cidade do ouro” perpetuou-se no imaginário de muitos moradores e de seu João Clarindo. Para ele, Jacobina possui “um dos melhores (ouro) do mundo... aqui só dá mais ouro dezoito” que é um ouro de melhor qualidade “é o ouro mais amarelinho”. Possuir esse tipo de ouro fez com que a cidade ganhasse o título de cidade do ouro. Seu João também atribui que este título foi dado à cidade porque “foi fundada por causa do ouro”.²⁹ O discurso e a idéia de atribuir-se à cidade um começo, um marco, associado ao ouro, transformou-se em história oficial da cidade. A memória de seu João sobre o ouro é a memória do seu grupo social e as lembranças do tempo do ouro foram continuamente reconstruídas no presente. A vocação aurífera do lugar foi referendada por gerações de garimpeiros e daqueles que vivenciaram o período da exploração das minas de ouro.

Retornando ao cenário do garimpo, na década de 30, percebe-se a retirada de garimpeiros do distrito de Itapicuru, principalmente, quando a Companhia das Minas reivindicou para si a exploração de jazidas de minas nas serras do Itapicuru, conforme noticiou O Lidador, em 1936:

*“Tendo sido nomeado, juntamente com o Sr. Serafim T. Soares, representante da Companhia Minas de Jacobina, vimos trazer ao conhecimento do publico em geral, o seguinte: A nossa intenção é zelar, principalmente, os interesses da referida Companhia, para o bom desempenho da nossa missão, e, também, os interesses de todos que trabalham na região atingida por nossa gestão, dando-lhes plena garantia nos seus serviços de extração do ouro, sem que terceiros possam, absolutamente, tomarem-lhes[...] [...] Quanto à versão corriqueira de que a Companhia não tem direitos liquidados, estamos autorizados a demonstrar, por todos os titulos instituidos nas leis da Republica, que ella é a legitima possuidora da região aurifera que começa na <<Serra do Corrego>>, Itapicuru, Ventos até Jaboticaba, sendo que os demais detalhes serão em breve conhecidos”.*³⁰

As Companhias do ouro: novos cenários

Conflitos pela posse da exploração do ouro nas serras do Itapicuru entre garimpeiros e a Companhia das Minas foram frequentes, a partir dos meados da década de 30. Como vimos anteriormente, a disputa judicial favoreceu a Companhia das Minas. A cobiça e a busca de lucro garantido fizeram com que outras companhias comesçassem a se voltar para a região de Itapicuru.

Em 1947, a Companhia das Minas é sucedida pela Mineração de Ouro de Jacobina Ltda que, em 1950, é vendida à empresa canadense Mineração Northfield Ltda, a qual, até 1966, produziu 5,75 toneladas de ouro.³¹ O cenário regional indicava que as companhias atraídas pelas descobertas de garimpos terminaram por dominar em grande escala a

produção do ouro. Os garimpeiros tiveram seus direitos limitados e muito deles se transformaram em trabalhadores dessas companhias, outros persistiram na garimpagem autônoma, em paralelo às atividades mecanizadas da mineração e os demais foram se retirando para outras localidades.

A década de 1950 no Brasil assinalou a discussão sobre o industrialismo. O discurso nacional priorizava substituir a imagem de um país predominantemente agrícola por um país do desenvolvimento, do progresso e um Brasil moderno. As companhias multinacionais começaram a se instalar no país atraídas por esse discurso e, conseqüentemente, o trabalho no garimpo foi paulatinamente substituído pelo trabalho dos grupos internacionais.

A busca pelo sonho das pepitas douradas continuava a permear o imaginário desses homens. Seu João Clarindo, lembrando os tempos do trabalho no garimpo, nas décadas de 1950 e 1960, afirmou que o ouro sempre lhe salvava da falta de dinheiro, e ainda que não ficasse rico, seu João e outros garimpeiros garantiam de alguma forma sua sobrevivência:³²

“O que eu marquei na minha vida (o trabalho no garimpo) foi aqui na Serra do Cruzeiro, eu tava almoçando, aí tava um amigo meu lavando a terra, [...] nós não tinha furado nada, não tinha furado nada, aí ele tava lavando, eu tava almoçando, era umas onze e meia por aí da manhã, aí ele chegou: João, venha cá ligeiro.

Eu disse: o que é?

Vem cá rapaz, ó pra qui.

Descobriu uma mancha de ouro. Quando eu cheguei, ele tava com a mão cheia de terra balançando assim e o ouro brilhando, o ouro, brilhando.

Ele disse: Rapaz, nós estamos livres nós demos sorte por isso Deus gostada gente [...] o ouro chiando, só uma manchinha de ouro, nove gramas só, só tinha aquilo ali[...] Deus fez uma coisa boa comigo, tava ruim, ruim, então nove grama de ouro na época era muito dinheiro. Por exemplo, hoje ta de R\$ 23,00,

então nove grama, dá ali, somar, ganha um dinheirinho bom pra quem tá sem dinheiro[...]"

O ouro era a garantia de sobrevivência daqueles que continuavam a trabalhar manualmente nas serras de Jacobina, na metade do século XX. Como afirmou seu João, o garimpo poderia garantir, na pior das hipóteses, a “feira” da semana de muitas famílias, poderia até encontrar uma grande quantidade de ouro e tornar-se rico, como aconteceu com algumas pessoas. Conta seu João, por exemplo, o caso de um garimpeiro do Rio Grande do Norte, morador de Jacobina, chamado Caicó que, a cinco anos atrás, “tirou três quilo de ouro numa massa verde. Ele [...] contou pra nós que sonhou. Ele bateu em cima, em dois dias ele achou o ouro, dois dias. Comprou carro, comprou casa, comprou tudo.”³³

A trajetória da história do ouro, no século XX, em Jacobina, abrange o período áureo do garimpo com a descoberta das minas do distrito de Itapicuru, até a chegada de Companhias de ouro que mecanizaram a exploração. Nesse período, a atividade foi marcada pelo seu caráter cíclico. Houve períodos de euforia econômica, mas também de retração econômica, de pobreza e desolação. O sonho do industrialismo propagado pelas elites brasileiras, na prática, ainda não conseguira se concretizar. O trabalho manual nos garimpos persistia, reflexo, talvez, da política econômica implementada da época.

A partir de 1950, a região de Canavieira de Dentro, próximo ao Itapicuru, se destaca no cenário econômico local por abrigar a Mineração de Ouro Jacobina Ltda. O discurso jornalístico, nesse período, continuava a descrever Jacobina como a cidade do ouro. O periódico local assinalou a retomada do progresso da cidade, destacando sua posição no contexto econômico. Jacobina estava “*em primeiro lugar entre os 16 municípios baianos produtores de ouro*”. Concluiu o jornal ainda que Jacobina não estaria em melhor posição pelo fato de ter apenas uma única empresa extraindo o metal; tratava-se da Mineração de Ouro de Jacobina.³⁴

Nesse período, o município de Jacobina se destacava no campo da mineralogia, “como um teor de Urânio de 2 a 20 vezes superior ao das minas de ouro da União Sul Africana”.³⁵ Em 1956, foi descoberto, em diversas partes do município, um “conglomerado aurífero”, como ametista, manganês, cobre e ferro especular, salitre e quartzo e muitos outros minérios. As pesquisas mineralógicas e seus resultados

provocaram, mais uma vez, uma euforia progressista na cidade, que, “depois de longos anos de inércia, esta bissecular cidade envereda pela senda do progresso”. O discurso do progresso ressoava como um discurso hegemônico em várias regiões do Brasil.³⁶

A cidade de Jacobina viveu, na década de 1950, a expectativa de um desenvolvimento promissor. Desenvolvimento este questionado pelo jornal Nordeste Baiano.³⁷ Este discutia sobre a exploração do ouro que era retirado do subsolo de Jacobina e direcionado para outros territórios. Vejamos o editorial do jornal:

*“Jacobina viu há mais de uma década a instalação de uma grande mineração, que passaria a explorar o precioso minério dos veios altamente fecundos de suas serras. Durante todo este tempo não recebeu uma grama de recompensa. Sempre verificou-se o contrário. O abandono e a indiferença sempre lhe foram creditadas. No entanto, sabemos qual foi o paradeiro das toneladas de ouro extraídas ao longo destes 15 anos. Foi parar nos bolsos dos capitalistas radicados além de nossas fronteiras[...].”*³⁸

Alguns segmentos da comunidade começavam a denunciar o aspecto exploratório da atividade do ouro. O discurso construído pela imprensa atrelada ao governo local descrevia o ouro como a salvação da cidade. O desenvolvimento, segundo O Nordeste Baiano, sempre foi relativo porque a riqueza propagada não se fixou em Jacobina. O ouro fortalecia o capital dos estrangeiros e Jacobina era esquecida. O jornal colocava em discussão o papel econômico da cidade com a exploração do ouro e denunciava a exploração da empresa canadense na cidade de Jacobina, que se interessava apenas por expandir seu capital às custas dos trabalhadores. O desenvolvimento propagado pelos dirigentes e empresários locais não aparecia no cotidiano da cidade.

Em 1967, o jornal Nordeste Baiano denunciava o desemprego dos trabalhadores da Mineração Northfield. A empresa explorava o distrito de Itapicuru desde a década de 50, mas, na década de 60, interrompeu suas atividades, desempregando os trabalhadores que “após 15 anos de luta diária nas galerias frias e ameaçadoras, onde o ar torna-se rarefeito e a pressão é insuportável – determinando prejuízos à saúde dos que lá trabalham, estes operários são sumariamente despedidos. E agora, José?

Agora quando a fome está a rondar os lares de toda aquela gente, que fazer? (...) Os fatos estão aí. Diante deles sucumbem os argumentos. Urge, então uma atitude por parte dos proprietários da Mineração. Saibam reconhecer o sacrifício daqueles que abnegadamente tornavam palpável o ouro camuflado em cascalho. Indenizem, mas de acordo com o parecer da justiça, o trabalho mal remunerado, diga-se de passagem, destes operários.”³⁹

O jornal retratou o cotidiano dos trabalhadores, denunciando a exploração e as condições do trabalho, além de retomar a imagem do trabalhador das minas, agora denominado de “operário”, que ajudou a soerguer e fortalecer o capital estrangeiro em território brasileiro. A atividade era mecanizada, mas continuava a ser explorada pelas mãos de uma gente pobre, que contava apenas com seu trabalho para garantir o sustento da família. Trabalhadores (re)descobriram as minas de ouro, mas deixavam escorrer por suas mãos a pretensa riqueza trazida pelo seu trabalho.

A extração do ouro, na década de 60, ficou paralisada no município de Jacobina, talvez reflexo do cenário nacional. O crescimento econômico do Brasil caiu pela metade, entre 1963 e 1967, e o país enfrentava um alto índice de inflação. O governo militar discutia as “reformas necessárias para retomar a expansão da economia brasileira”.⁴⁰ Em Jacobina, a paralisação da atividade mineradora fez com que muitas pessoas migrassem para outras regiões à procura de emprego. Os produtos principais, como a mamona e o sisal, tinham pouco valor no mercado, “o comércio, por sua vez diante dessa situação difícil, começava a retrair-se e ninguém mais tentava abrir uma casa de vendas ou compras”. A situação econômica de Jacobina se assemelhava à de outras cidades brasileiras que viviam em torno da atividade mineradora.⁴¹

A década seguinte construiu o discurso de um Brasil progressista, de um Brasil de riquezas, onde empresas de geologia começariam a explorar o solo brasileiro. Vivia-se um período de euforia; o Brasil assumiu uma posição de exportador de produtos industrializados acelerando seu crescimento em 7% ao ano. A ressonância do crescimento brasileiro também contagiou outras regiões do Brasil. Finalmente, parecia chegar o tempo que as riquezas do Brasil seriam aproveitadas em benefício da comunidade, pelo menos assim propagava o discurso do governo militar. Em Jacobina não foi diferente. Em 1973, a UNIGEO se

instalou para estudar e pesquisar a viabilidade de exploração de minérios em Jacobina, no serra do Córrego, “incluindo as áreas das minas de ouro de Canavieiras, Itapicuru (Morro do Vento), João Belo, além das áreas de garimpagem abandonadas e ocorrências”. O estudo revelou a existência de altos teores de urânio e minério de ouro na serra acima mencionada.⁴²

A retomada da exploração e, conseqüentemente, do crescimento e desenvolvimento da cidade, tornou-a, mais uma vez, esperançosa. Os discursos da imprensa novamente assinalavam o reinício da fase do brilho reluzente do ouro, explorada, segundo o jornal, por um dos principais grupos de exploração internacional. Assim, relatou o jornal *A Palavra*, em 1973:

“A mineração de ouro por processos mecânicos será reiniciada nesse município dentro em breve [...] Para avaliar-se a importância desse empreendimento, basta saber-se que uma das associadas do grupo empresarial que vai explorar o minério nesse município é a Anglo América Corporation, uma das maiores produtoras mundiais de ouro, que possui minas desse metal em vários países, inclusive na África do Sul”.⁴³

A idéia de desenvolvimento da cidade de Jacobina era notícia constante na imprensa local, bem como a idéia de geração de empregos, resultando na chegada de estrangeiros e de pessoas de outras regiões da Bahia. Era a garantia da terra prometida. A cidade pertencia àqueles que acreditavam em seu desenvolvimento. Iniciadas as pesquisas mineralógicas na região, retomava a imprensa também o discurso da origem da cidade. Recriava-se, segundo o jornal, o passado glorioso da exploração aurífera.

POEMA A JACOBINA

*“Jacobina das chapadas...
Onde o brilho se reveste...
Das pepitas cobiçadas
Que dão progresso ao Brasil!
Jacobina, nos teus rios,
Se entregam os garimpeiros*

*Por dezenas de janeiros,
 Pais, filhos, netos, avôs,
 Uns desistem, outros sonham...
 Jacobina dos minérios
 Da rica vegetação,
 A catedral do sertão,
 Do homem trabalhador!”⁴⁴*

As pepitas douradas evocadas foram sinônimo de progresso para um Brasil promissor. O homem, o sertanejo trabalhador, não podia ser esquecido, porque foi com seu trabalho que a cidade alcançou o desenvolvimento. Assim, reafirmou-se o discurso de que o trabalho do garimpeiro e, posteriormente, do mineiro ajudaram Jacobina a seguir no rumo do progresso e do desenvolvimento. A evocação do passado aurífero era utilizada toda vez que a cidade vivia a possibilidade de retomada da atividade mineradora. Jacobina era entendida pela imprensa não como uma construção histórica, mas como algo determinado, refiro-me, particularmente, à produção do discurso sobre a vocação da cidade. Jacobina é “dos minérios”. A historicidade do lugar desaparece. Em seu lugar, o discurso da naturalização parece se adequar melhor aos interesses de alguns segmentos da sociedade de Jacobina que, além de devotamente acreditar no suposto desenvolvimento sócio-econômico, sedimentava na memória dos moradores a vocação aurífera da cidade. Reconstruía-se o passado do ouro no presente, esperando o futuro promissor.

Nessa época, a Bahia era anunciada pela imprensa como um dos estados “mais ricos em minérios em todo o País”. A Bahia refletia a política do governo Médici, o *boom econômico* propagava-se pelos estados brasileiros como uma prática discursiva eficiente. É nesse contexto construído pela idéia de crescimento econômico, que as multinacionais se instalariam para, segundo os discursos da época, ajudar a construir um Brasil gerador de riquezas. O município de Jacobina acenava com possibilidades de extração de minérios, o que assegurava ao estado da Bahia manter o título acima referido.⁴⁵ Nesse período, o estado da Bahia incrementava o programa de mineração, realizando “em mais de 70 municípios, pesquisas geológicas, de avaliação de reservas e exploração de minérios”. O programa visava, na época, intensificar a

mão-de-obra no interior, contribuindo para evitar o êxodo para as metrópoles e criando pólos de emprego.⁴⁶

As pesquisas da UNIGEO em Jacobina resultaram também em problemas para os antigos moradores dos distritos do Itapicuru e Canavieiras. Em 1974, a UNIGEO havia sido denunciada por causar danos aos pequenos proprietários rurais, porque ao “abrir estradas para os locais a serem pesquisados...” criavam dificuldades aos referidos proprietários “[...] pois até agora não tem feito qualquer acerto dos danos causados, como cercas, construções, roças, etc[...]” Os impactos negativos começavam a aparecer na cidade. A chegada de funcionários e trabalhadores nos campos aumentava, tendo como resultado uma “tremenda inflação habitacional”.⁴⁷ Era a busca do lucro imediato, resultado talvez de anos de estagnação econômica da cidade.

O jornal “A Palavra”, em 1977, parabenizou a cidade pelo seus 97 anos e reconheceu que a história da cidade foi marcada por fases de estagnação e crescimento, “... nota-se que tem sido o ouro o elemento de maior destaque no termômetro das subidas e descidas do seu progresso.” Apesar de reconhecer a importância do ouro, o jornal alertava para o fato de que a cidade não podia viver sob as oscilações da produção aurífera, porque o ouro “hoje ou amanhã se tornará escasso e não dará mais condições para sua extração. E como tem acontecido noutras épocas, nesse tempo, o termômetro poderá baixar de vez caso não haja uma economia de sustentação”.⁴⁸

A febre que o ouro causava na cidade parecia, entretanto, fazer com que as pessoas esquecessem a fase de retração de épocas passadas e concentrassem suas expectativas no novo, na possibilidade de retorno das atividades econômicas que propiciariam novos empregos, novos estabelecimentos comerciais e aumento da população.

Os resultados dos estudos da UNIGEO, na década de 70, resultaram na implantação da Mineração Morro Velho, que iniciou suas atividades de produção em 1982. Nessa década, Jacobina viveu sob a égide do desenvolvimento, com o crescimento do comércio, construções que visavam ao desenvolvimento e embelezamento da cidade, reformas urbanas e discursos produzidos pela imprensa, corroborando a idéia de cidade do ouro no sertão baiano. A Mineração Morro Velho era tida pela imprensa e grupos políticos locais como uma das principais guardiães

do desenvolvimento sócio-econômico da cidade. Em 1984, a mineração tinha uma previsão de retirar do “subsolo jacobinense...mil e quatrocentos quilos de ouro e empregar até 1989, cerca de 120 milhões de dólares, pois as minas exploradas se encontram ainda em fase de expansão”.⁴⁹ Em 1987, havia uma previsão de “110kg/mês ouro a partir da extração e processamento de 2.000 t/mês de minério...”⁵⁰

A década de 80 se apresentou como um período promissor, período de reformas urbanas como “construção de muralhas de proteção, (entrada da cidade) construção de reservatórios para abastecimento do “distrito de Itapeipú” com a colaboração da Mineração Morro Velho,⁵¹ estacionamento para táxis, calçadão, cobertura para passageiros...e a colocação de uma ESTÁTUA DO GARIMPEIRO, simbolizando o ciclo do ouro que representa a história da fundação e do desenvolvimento de nossa Cidade do Ouro”.⁵²

Apesar dos avanços sócio-econômicos noticiados pela imprensa da época, não encontramos na documentação pesquisada referência à melhoria da educação pública, da saúde, das condições de moradia e lazer. O ideal do progresso parecia não contemplar tais questões. As inaugurações de obras públicas eram pontuais, não existia uma política pública explícita, definindo que priorizava a saúde, a educação, a moradia. Havia algumas ações por parte da prefeitura e, às vezes, em cooperação com a mineração como, por exemplo, a construção de um posto de saúde no distrito do Itapicuru, local onde estava instalada a mineração. Por sua vez, a comunidade, nas décadas de 1980 e 1990, exigia energia elétrica para o distrito do Itapicuru. Foi enviado à Câmara de Vereadores um documento com “quarenta e uma assinaturas” pedindo a “iluminação elétrica” do distrito.⁵³

Na cidade de Jacobina, moradores da periferia também exigiam melhoria na qualidade de vida, pois, segundo eles, “viviam no total abandono”, reclamavam da falta de saneamento e “outros setores, como educação”.⁵⁴ Os avanços noticiados pela imprensa não traduziam as condições de vida dessa comunidade. O discurso vigente insistia em construir uma imagem de cidade bem sucedida devido à extração de ouro.

Se, por um lado, a cidade se movimentava através de construções de obras públicas noticiadas pela imprensa oficial, representada pelo

jornal A Palavra, de propriedade do prefeito da época, por outro lado, Jacobina e região eram anunciadas em jornais da oposição como uma cidade de comércio “todo pré-falido e os agricultores em situação difícil”.⁵⁵ O ouro, portanto, não foi a solução para os males da economia e sociedade locais. A tradição agrícola de Jacobina permanecia, mas foi a mineração, segundo os discursos oficiais, a responsável direta pelo crescimento da cidade, transformando-se em atividade econômica consolidada.

O embate travado entre os discursos contra e a favor da mineração se acentuava. A imprensa oficial apostava no discurso do progresso, dos benefícios da mineração. O discurso da oposição ao prefeito era construído a partir dos impactos negativos trazidos pela atividade de mineração. O jogo produzido pelos discursos nos faz refletir sobre o papel da mineração nesse período.

Em meados da década de 1980, as produções discursivas representavam os diferentes segmentos da sociedade de Jacobina. De um lado, o discurso de grupos de oposição ao poder local, aliado aos segmentos descontentes com o rumo do suposto progresso da cidade. Nesse momento, o discurso homogeneizador de períodos anteriores começava a ser desmontado. Tentava-se colocar em discussão o papel da mineração em Jacobina. Alguns segmentos da sociedade alertavam para o fato de que a mineração, até aquele momento, não conseguira amenizar o problema da pobreza e melhorar o desenvolvimento econômico, pois comércio e agricultura, atividades consideradas essenciais à economia local estavam em situação difícil. Ao contrário do que era propagado, a riqueza do ouro parecia não dinamizar a vida econômica da cidade. Mas o discurso dominante insistia na construção de uma imagem de Jacobina cada vez mais próspera.

Por outro lado, a representação do garimpeiro destemido ajudava a corroborar a idéia do desenvolvimento da cidade. Ele (garimpeiro) representou o trabalho dignificante, trabalho que levaria a cidade ao progresso. O trabalho era o meio de alcançar a riqueza da terra. O garimpeiro era considerado um desbravador e, por que não, o herói local. A memória do trabalhador que garimpava nas serras, ganhando honestamente o pão de cada dia, precisava ser (re)atualizada, fazendo a comunidade acreditar que o sonho de ter as pepitas douradas fosse

possível e também fazer a comunidade esquecer o caráter exploratório da atividade mineradora.

Foi a partir do enfoque dado ao trabalho, particularmente aquele relacionado à atividade da mineração, que os discursos locais foram construídos. Com a instalação da Mineração Morro Velho, a idéia do trabalho nas minas era tido como necessário para se edificar a idéia de uma cidade que buscava ocupar, no cenário econômico baiano, a posição que havia perdido tempos atrás. A atividade arriscada das minas não era questionada. O desemprego, a inflação crescia e a cidade continuava a ser denominada de cidade do ouro, continuava a ser a terra próspera. Os problemas chegariam e a cidade sofreria os impactos, mas, por enquanto, a euforia do trabalho na mineração e as construções de obras públicas eram a tônica do discurso da elite dirigente da cidade.

O governo do prefeito Carlos Daltro (Carlito) recriava, a partir de suas ações, o caráter progressista e desenvolvimentista que a cidade trazia desde os tempos de sua fundação. Em 1986, o prefeito foi homenageado em músicas locais. Nelas, o governo Carlito, o progresso e a mineração apareciam como uma tríade imbatível. Vejamos:

*“(...) Este Carlito só vive a trabalhar
Botando as coisas
Da cidade em seu lugar
Disse o Carlito
Que vai continuar
Com o progresso da cidade(...)
E Jacobina vai brilhar
Pra frente Jacobina
Terra rica em mineração
Você tem muito ouro
E tem o Carlitão(...)”*⁵⁶

A música sugere a continuação do governo de Carlito à frente da administração municipal.

Segundo o jornal, de propriedade do prefeito, Jacobina possuía sua riqueza mineral, o ouro, e um trabalhador incansável a seu favor, o prefeito Carlito. O prefeito e a riqueza mineral eram, segundo a letra da música, tudo que Jacobina precisava para seguir a rota do progresso. Essa era a lógica não só da música, mas também do poder municipal da época. A prefeitura recebia os impostos pagos pela mineração e a cidade

caminhava como se dizia, naquele período, em franca expansão. O discurso jornalístico produzia a imagem de que a cidade e seus moradores viviam à sombra da Mineração Morro Velho. Esse discurso associava Jacobina e a empresa de mineração como um conjunto único e harmônico. Mas, o final da década de 80 revelou um outro cenário para Jacobina.

A perda do brilho do ouro

A euforia do progresso era propagada pelos setores públicos e privados da cidade, que produziram o discurso do progresso para todos, embora na prática fosse um discurso voltado para alguns. O discurso da decadência da cidade também deve ser entendido no mesmo sentido. Resta-nos questionar a produção desses discursos, se eles são produção de uma realidade. A euforia dos tempos anteriores teve seus dias contados, a partir da década de 90. Vários fatores concorreram para a produção de um novo discurso, entre eles a queda do preço do ouro no mercado internacional. Em 1992, a empresa “colocou em férias coletivas... cerca de 60 por cento do seu quadro de trabalhadores”.⁵⁷

Os trabalhadores da mineração enfrentavam, desde o final da década de 80, uma situação nada animadora na empresa. As greves por melhores salários e condições de vida começaram a mobilizar os mineiros, em meados da década de 1980. A influência do novo regime civil ou da “Nova Republica” contagiava os mais diversos setores da sociedade, principalmente aqueles que tiveram suas vozes caladas pela ditadura militar nos anos 60 e 70.

O movimento reivindicatório dos trabalhadores da Mineração Morro Velho foi iniciado no contexto da explosão dos movimentos sindicais. Os trabalhadores exigiam melhoria de salários, alimentação, estabilidade no emprego, garantia de locomoção, entre outras reivindicações. Lentamente, as novas práticas sociais e sindicais produziam um outro perfil de trabalhadores das minas. O homem que trabalhava na mineração exigia respeito como cidadão e como trabalhador. O mineiro denunciava os lucros exorbitantes dos patrões. O ouro retirado do subsolo de Jacobina pelos trabalhadores ganhava outros caminhos, desconhecidos por eles.

Na segunda metade da década de 1980, as greves estouraram na empresa Morro Velho, fazendo parte do seu cotidiano. Em 1985, o

sindicato dos mineiros reagiu às demissões de funcionários, organizando protestos na empresa, fez paralisações, organizou “bloqueio de via pública” para demonstrar insatisfação e, ao mesmo tempo, fazer crer à direção da empresa seu suposto poder. A direção alegava “momentos difíceis na empresa” e argumentava ainda que “qualquer empresa demiti seus empregados, pois sem isto o fundamento do poder de direção não seria possível administrar, se esvai e o entusiasmo do empresário na instalação e crescimento de negócios é arrefecido”. O discurso da empresa era legitimado pela lógica da crise financeira, da instabilidade econômica própria desse tipo de atividade. A demissão, segundo os representantes da empresa, era necessária, sanar despesas era o legítimo dentro da lógica do capital, mesmo que a consequência disso implicasse em problema social para a comunidade.⁵⁸

Em 1989, os mineiros enfrentaram quarenta e um dias de greve “reivindicando melhores salários e condições de trabalho”. Denunciaram “as piores condições de trabalho, sob a constante possibilidade dos tão possíveis acidentes; dos desabamentos de galerias, explosão ou asfixia... sim produzindo uma riqueza que passa tão longe das suas casas, das suas mesas, cujo salário não permite abastecer...” O discurso denunciador e explosivo ganhou força na greve de 1989, que foi considerada a mais longa da trajetória dos trabalhadores da mineração em Jacobina.⁵⁹

A greve começava a incomodar muitos setores da sociedade de Jacobina, principalmente os comerciantes, que viram suas vendas reduzidas. O sindicato dos mineiros reconhecia a gravidade da situação afirmando que “tanto a família operária quanto a comunidade sofreram com este fato. Contudo, como tudo na vida, somente com sacrifício chega-se a um termo[...]” A greve resultou na vitória dos mineiros. O Tribunal Regional do Trabalho determinou o pagamento dos quarenta e um dias paralisados, “além de conceder Piso Salarial de nove salários mínimos de referência; aumento real de 50% sobre os salários de abril; hora extra à 100%, adicional noturno de 100%; adicional de serviço penoso em 30% sobre a remuneração; bebedouros em todas as galerias...estabilidade para os acidentados...”⁶⁰

Apesar da determinação do Tribunal do Trabalho, a mineração recusou-se a atendê-las e o sindicato dos mineiros denunciou à comunidade de Jacobina a postura da empresa. Segundo os mineiros, o

posicionamento da empresa ao longo de sua trajetória continuava “na vereda da ilegalidade, a Mineração Morro Velho incorre, agora, contra toda comunidade jacobinense... Ainda na trilha da truculência, já familiarizada por todos de nossa comunidade, a Morro Velho, para rebaixar a moral dos jacobinenses e seus operários vitoriosos, suspendeu 295 companheiros por quinze dias sem justificativa. A avaliação do Sindicato dos Mineiros, através da diretoria, é de que tais atos tem como única finalidade a provocação de homens pacíficos, que não deixarão levar-se, e golpear a nossa comunidade.” O ofício enviado pelo Sindicato dos Mineiros à Câmara de Vereadores finalizava pedindo “uma sessão extraordinária em caráter de urgência” para debater o assunto.⁶¹

O discurso da exploração contra o trabalhador é o enfoque dado pelo representante do Sindicato do Mineiros. Entretanto, a dimensão dada à exploração ultrapassava os muros da empresa. A cidade de Jacobina, segundo o Sindicato dos Mineiros, sofria com a política arbitrária implementada pela Morro Velho. O sindicato trazia a luta dos trabalhadores para o cenário da cidade, talvez estratégia política de colocar a comunidade contra a empresa.

O trabalhador dessa época era o indivíduo que trabalhava arriscando a vida no subsolo da mineração. A riqueza conclamada pelos discursos da imprensa local era contraposta pelas notícias sobre conflitos entre a multinacional e seus empregados.

As greves e denúncias dos trabalhadores construíram uma outra imagem da empresa exploradora do ouro. A empresa enfrentou também nesse período diversos processos de indenização movidos pelos trabalhadores, por conta das doenças adquiridas no trabalho da extração do ouro e também de multas de órgãos fiscalizadores e protetores do meio ambiente.

A empresa Morro Velho, durante toda a década de 80, foi notificada e advertida pelo Centro de Recursos Ambientais por contaminar um dos principais rios da cidade com lançamento de efluentes com cianeto, nitratos, chumbo, zinco, ferro, lixo industrial, óleos e graxas. Quando notificada, a empresa respondia que se comprometia a implantar um sistema de recirculação do efluente, mas isso não ocorreu e a empresa foi multada diversas vezes na década seguinte por não cumprir os compromissos.⁶²

Além do processo de degradação ambiental causada pela exploração da empresa, a mineração também foi denunciada pelas condições de trabalho impostas a seus funcionários. A extração do ouro resultou também na silicose, doença adquirida pela poeira das rochas, que afeta o aparelho pulmonar. Em 1992, o Sindicato dos Trabalhadores da Mineração Morro Velho cobrava providências à Coordenadoria Geral de Segurança e Saúde do Trabalho sobre as péssimas condições de trabalho a que eram submetidos os empregados da mineração. Assim relatou o sindicato:

“As minas funcionam há aproximadamente 15 anos, empregam 740 trabalhadores diretamente e 150 através de empreiteiras. Somente nos últimos 2 anos, 20 trabalhadores foram diagnosticados com silicose grave e 5 óbitos foram registrados. Não se conhece ainda a dimensão real do problema porque trabalhadores são demitidos sem exame médico. Há apenas 2 anos de paciente em ambulatório e a qualidade dos exames realizados pela mina não é adequada.

*São absurdas as condições de trabalho, há acentuada contaminação ambiental por poeira (as análises do solo revelam teores acima de 50% de sílica) inexistindo ventilação, umidificação e outras medidas de proteção ambiental. A situação é crítica do ponto de vista não só das doenças ocupacionais como silicose, surdez, saturnismo, intoxicação por cianeto, como dos acidentes do trabalho[...] Neste sentido, é que solicitamos uma intervenção da CSST e que providências sejam tomadas”.*⁶³

De acordo com o relatório de 11 de fevereiro de 1992, assinado pela pneumologista Joselita Flávia Sobreira, do Ambulatório de Doenças Ocupacionais, “cl clinicamente a silicose pode ser classificada de acordo com o tempo de exposição à poeira até o desenvolvimento das lesões radiológicas em: silicose aguda até 5 (cinco) anos de exposição; silicose acelerada entre 5(cinco) e 20 (vinte) anos de exposição(...) Dezessete dos casos aqui relatados tem diagnóstico de silicose acelerada. Dentre

estes, 06(seis) evoluíram para o óbito(...) A silicose é uma doença autoperpetuante e sem tratamento, tendo como complicação mais importante a tuberculose(...)”⁶⁴ A maior quantidade de tempo somado ao trabalho em algumas áreas consideradas mais arriscadas foi determinante para que o quadro da doença avançasse entre os trabalhadores. As tabelas abaixo revelam, de forma mais precisa, essa relação:

Tabela 1 – Distribuição dos casos de silicose de acordo com o local de trabalho na JMC S/A

Local	Nº	%
Sub-solo	16	80
Metalurgia	01	05
S/informações	03	15

Fonte: SESAB/DEVISA/DSO/CESAT

Tabela 2- Distribuição dos casos segundo o tempo de trabalho na JMC S/A

Anos	Nº	%
< = 5	03	15
5 a 10	11	55
> = 10	03	15
S/informações	03	15
Total	20	100

Fonte: SESAB/DEVISA/DSO/CESAT

O avanço da doença estava relacionado a uma exposição contínua dos trabalhadores à poeira. O maior contato dos trabalhadores com o ambiente do sub-solo implicava em risco para sua saúde e, conseqüentemente, para sua vida, transformando-os em vítimas de um trabalho que, ao invés de dignificá-los, colocava-os como inválidos. O trabalho se transformou em vilão, em desesperança e, de maneira mais radical, sinônimo de morte.

O sindicato entrou com diversas ações judiciais contra a empresa, favorecendo os trabalhadores e muitas vezes a empresa recorria contra o resultado. Em 1992, a Jacobina Mineração e Comércio pediu impugnação de uma causa no valor de Cr\$ 500.000.000,00 (quinhentos

milhões de cruzeiros) “por considerar a causa de valor inestimável.” O Ministério Público, tomando conhecimento da impugnação formulada pela empresa, arguiu que o valor da causa não foi “exacerbado.” Assim argumentou o Ministério Público:

*“[...] tendo em vista que na ação civil o Ministério Público postulou a condenação da requerida em obrigação de fazer (consistente na imposição de recuperar os bens lesados e de não voltar a poluir) e na obrigação de ressarcir os bens cuja reparação seja impossível (indenização pelos cidadãos mortos, que o estado perdeu em consequência do ambiente de trabalho contaminado) e considerando que os bens jurídicos, que a ação civil pública visou proteger e ressarcir, são dos mais valiosos (a vida, a saúde e o meio ambiente) o MP, cumprindo o valor de CR\$ 500.000.000,00, muito inferior ao valor do objeto da ação... Será que a vida humana, o meio ambiente e a saúde de tantas pessoas (que trabalham na mineração ou que consomem a água que abastece a cidade), valem tão pouco assim?... ”*⁶⁵

O Ministério Público solicitou da justiça que o pedido de impugnação fosse julgado improcedente. Esses e outros processos envolvendo a Mineração e o Ministério Público foram constantes por toda década de 1990, resultando para a mineração multas e indenizações a serem pagas aos órgãos fiscalizadores do meio ambiente e aos trabalhadores, respectivamente. Nesse período, a situação e a imagem da empresa Jacobina Mineração e Comércio não eram positivas na cidade de Jacobina.

O impacto negativo causado pela extração do ouro, como as doenças, a contaminação da água e o desemprego que assolaram a cidade, além da tremenda carestia da época, causaram um desencanto na comunidade local. A idéia do progresso foi substituída pelo pessimismo. Assim, o ouro perdia seu brilho e a consciência do tipo de exploração que se fez, durante décadas, foi emergindo aos poucos, tornando-se mais evidente. Em 1996, o jornal “Primeira Página”, jornal de oposição ao poder público local, descreveu esse período como de desesperança e

desencanto. O ouro que rebrilhou, por muito tempo, no imaginário da cidade aos poucos apagou-se, deixando em seus moradores apenas a amarga recordação da exploração, que remonta aos tempos da colonização. Jacobina cumpria seu papel. Fornecia riqueza e poder para além dos seus territórios, ainda que custasse a vida de seus habitantes.

*“Há muito tempo esta cidade tinha um certo desenvolvimento... Até que um dia fomos vendidos como escravos para americanos, africanos e outros estrangeiros. Tivemos que furar, brocar nossas próprias serras para doar a esses exterminadores. Jacobina era uma cidade chamada capital do ouro, hoje é chamada de capital da miséria. Que benefícios essas toneladas de ouro trouxeram para nossa cidade? Antes era boa, hoje é péssima. Ali foram muitas vidas, sem mesmo os parentes saber como, muitos trabalhadores aleijados, espancados e mortos a tiros, assim é o garimpo dos estrangeiros”.*⁶⁶

O interesse de nossa análise é entender as estratégias utilizadas nesse período, no que se refere à idéia de que o ouro vai perdendo a batalha do discurso do progresso. A documentação sobre a história da cidade de Jacobina associou, em um primeiro período, a imagem do ouro como símbolo de esperança, de desenvolvimento e de riqueza fácil e rápida. Posteriormente, foi re-significada e passou a ser representada pela exploração das multinacionais, que trouxeram empregos e geração de renda, crescimento do comércio, mas causaram prejuízos irreparáveis ao meio ambiente e à cultura do local, sob as máscaras das promessas de progresso e vida melhor para todos. O desencanto retratado pelo jornal revela que a febre do ouro e da riqueza passou... e seus moradores perplexos, confusos, tentaram entender a lógica da economia da extração do ouro. A evocação de um passado aurífero glorioso, construído por alguns segmentos da sociedade local, serviu apenas de fachada para abrigar e legitimar o poder da ordem política nas vozes dos bandeirantes, dos garimpeiros, dos mineiros, induzindo-os a caminharem na contramão de suas próprias vidas.

Em 1998, foi suspensa a atividade da Jacobina Comércio e Mineração. A empresa creditava a paralisação, temporária, ao baixo teor

de produção e à queda de preço do ouro. O desemprego assolou bruscamente a cidade, resultando no recrudescimento da crise econômica, deixando de “circular na cidade cerca de R\$ 500 mil todo mês...” O Sindicato dos Mineiros afirmava na época que a paralisação da JMC era devido “a má administração da empresa”, que pagava a um funcionário canadense o valor de US\$ 7 mil para executar o mesmo serviço de um companheiro que ganhava apenas R\$ 500,00.⁶⁷

Muitos mineiros migraram para outras regiões, outros permaneceram na cidade, trabalhando em empregos do comércio com salários reduzidos. Muitos ficaram contaminados pela silicose, outros faleceram.

Pedro Silva Ramos, ex-mineiro da empresa Morro Velho, deixou de trabalhar nas minas do Itapicuru porque adoeceu ao contrair a silicose. De sua experiência de mineiro, ele recorda sobre o perigo da profissão, afirmando que “na mineração existe muita pioridade dentro dela... sofri muito, mas... estou lutando para vencer...mineração é uma empresa boa para se trabalhar, mas complicada...gostei bastante da mineração...”⁶⁸ O trabalho nas minas o atraía, foi nessa empresa que Pedro começou sua carreira, trabalhava como servente até chegar à função de montador de trilhos e tubos, além de outros serviços.

O trabalho na mineração dava-lhe uma certa visibilidade dentro da sociedade de Jacobina. “Eu ganhava um nome! diziam: olhi Nem!, rapaz, trabalhava no campo e hoje Nem, está dentro da Morro Velho que ninguém esperava e assim, era muito funcionário que nem eu.” Sobre o salário Pedro Ramos comenta que não era bom, mas que alternativa lhe restaria? viajar para outros lugares? Ele achava que não compensaria, “era um pouquinho, mas dava para sobreviver...era um pouquinho certo, mas eu tava gostando...Jacobina tinha um bom nome por causa da mineração...As pessoas em Jacobina achavam que os trabalhadores da mina ganhavam muito bem...hoje Jacobina tá falida para o povo. Tem funcionário que a gente encontra dizendo ah! se a Morro Velho estivesse aberta para nós trabalhar, com pioridade, para a gente ganhar o pão.”⁶⁹

O ano de 1998 assinalou o encerramento da atividade produtiva da empresa mineradora. O saldo de anos de exploração da atividade do ouro resultou em doenças ocupacionais, degradação do meio ambiente, carestia, especulação econômica, entre outras consequências. O impacto

era estrondoso na cidade e os discursos contrários à empresa. A imprensa de oposição ao poder local, freqüentemente atacava o tipo de exploração desenvolvido na cidade. O discurso do progresso é substituído pelo discurso do impacto, do prejuízo e da degradação deixados pela empresa.

Pedro Ramos discorda da versão apresentada pela empresa sobre a suspensão das atividades mineradoras em Jacobina. Para ele, não foi o baixo teor de produção que levou ao fechamento da empresa e “sim por conta dos processos” a que a Jacobina Mineração e Comércio respondia judicialmente. “Ouro, ela (a serra) tem, quanto mais afunda é porque tem...o ouro está no local, a empresa está procurando apenas uma forma de tirar o ouro... o melhor ouro está no Itapicuru...é o melhor do Estado da Bahia.”⁷⁰ Pedro acredita que quando a empresa “negociar os processos” a mineração voltará a funcionar.

Assim como Pedro, muitos trabalhadores sabiam que o trabalho na mineração era perigoso e arriscado, mas ocupar um lugar de trabalhador na empresa podia ser visto como alternativa mais viável para uma cidade que não oferecia, segundo os próprios trabalhadores, outras oportunidades. A seca continuava a castigar a região, impedindo um melhor desenvolvimento e expansão da atividade agrícola e pecuária. O comércio não era suficiente para gerar renda para os habitantes da cidade. Restava então como atividade econômica, mais estável, o trabalho na mineração. Essa era a lógica da comunidade local, que conviveu com o discurso de que Jacobina era uma cidade promissora e dona do ouro existente nas serras verdes que a circundavam.

Se, um por um lado, foi construído o discurso de uma cidade com vocação aurífera, responsável pelo desenvolvimento econômico, como ampliação do comércio, empregos e geração de rendas, por outro, a exploração das minas agravou a saúde de muitos mineiros, aumentou a carestia na cidade e degradou de forma gritante o ambiente. Atualmente, a cidade vive a expectativa da abertura das atividades mineradoras. Novos ou antigos discursos são construídos para corroborar a vocação de Jacobina como cidade do ouro, embora seus moradores reconheçam que, de fato, nunca viram o ouro explorado pelas empresas multinacionais.

Os discursos do progresso trazido com a atividade aurífera se contrapõem aos discursos do pessimismo e da perda do brilho do ouro. A produção do saber e do poder terminará por produzir dois discursos

homogêneos. A história da cidade de Jacobina foi produzida, ora por um discurso, ora pelo outro, mas também pelo embate entre eles. A produção desses discursos, o modo como eles são produzidos e por quem são produzidos constitui objeto de nossa pesquisa, que se encontra em andamento. Neste artigo, apenas assinalamos algumas questões pertinentes à produção dos discursos sobre a história do ouro em Jacobina.

Apesar dos impactos negativos causados pela exploração do ouro, a cidade ainda vive de seu passado. Caminhando pela cidade, encontramos em suas ruas, praças, esquinas e lojas comerciais, anúncios de festas, nomes de ruas associados à história do ouro. Quando completou 123 anos de emancipação, o jornal local *O Encarte* publicou diversas mensagens de felicitações à cidade e artigos que faziam referência à história do ouro e sua importância para o desenvolvimento da cidade. Em um desses artigos, Jacobina aparece como:

*“Uma adorável senhora de 123 anos: Jacobina senhora de muitos sonhos, senhora de muitos amores, senhora de muito ouro, nosso tesouro”.*⁷¹

Nas mensagens comemorativas enviadas pelos diversos setores da cidade, reconstrói-se a imagem de cidade senhora, que tem o ouro como símbolo de progresso e desenvolvimento. As práticas sociais nessa construção desaparecem, a cidade é construída como um ser, uma entidade, os atores sociais praticamente são excluídos da história da cidade. Ao invés da historicização de Jacobina, é evocado um passado aurífero constantemente reconstruído pela memória de alguns setores da sociedade, particularmente aqueles ligados ao poder político e econômico do lugar. O discurso homogeneizador do desenvolvimento e crescimento de Jacobina, através da exploração do ouro, é reconstruído no presente.

Com a expectativa da reabertura das atividades mineradoras, a construção da esperança de dias felizes novamente está na ordem do dia. O poder público aliado aos empresários, às famílias tradicionais locais e a outros setores ligados a esses segmentos, relacionam a idéia do progresso com a idéia da felicidade humana. É a antiga idéia do projeto iluminista de conquista da felicidade por meio do progresso científico e material.⁷²

No caso de Jacobina, a mineração passou a representar, segundo aqueles setores, salvação para se recuperar emprego e renda e para aquecer o comércio local. Reeditaram a crença na esperança de um futuro melhor. Futuro que talvez nem seja realizado, mas sonhado e construído para atender os interesses de poucos em detrimento de muitos. O discurso foi construído em torno da idéia da cidade homogênea. O suposto desenvolvimento econômico e social atingiria a todos os moradores de Jacobina. Analisar a produção discursiva desse período permitirá a construção das múltiplas histórias possíveis da cidade de Jacobina.

Notas:

¹TAVARES, Luis Henrique. *História da Bahia*. 6.ed. São Paulo: Ática, 1979, p.90.

²ACCIOLI & AMARAL, Braz. *Memórias Históricas e Políticas da Província da Bahia*. Salvador, vol.2, 1928, nota 55, p.351.

³SPIX & MARTIUS. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. 3.ed. Melhoramentos, vol.II, cap.II, p.115.

⁴FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 16.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

⁵Sobre a exploração do ouro realizada por Leonídio Miranda no distrito do Itapicuru, ver o jornal *O Lídador*, 10/03/1935, 23/06/1935; sobre a população que chegava a cidade de Jacobina, ver *O Lídador*, 28/10/1935; 15/12/1935.

⁶*Panorama Geral do Ouro*. Superintendência de Geologia e Recursos Minerais – SGM. Salvador, Bahia: março, 1998.

⁷APEB. *Tribunal de Justiça/ Instrumento de Agravo*. Seção: Judiciária. Cx. 2141.Doc.11.Jacobina. 1938/1939.

⁸APEB. *Tribunal de Justiça/Instrumento de Agravo*. Cx. 2141. Doc.11.1938/1939.

⁹Idem.

¹⁰Sobre essa disputa entre Leonídio e a Companhia das Minas, encontrei apenas dois processos. Na busca por informações, tentei rastrear informações sobre a existência de parentes vivos de Leonídio em Jacobina. Encontrei Dona Adélia Miranda, sobrinha de Leonídio. Ela afirmou que seu tio gastou muito dinheiro com tais processos, mas acabou perdendo o direito de explorar as terras do

homogêneos. A história da cidade de Jacobina foi produzida, ora por um discurso, ora pelo outro, mas também pelo embate entre eles. A produção desses discursos, o modo como eles são produzidos e por quem são produzidos constitui objeto de nossa pesquisa, que se encontra em andamento. Neste artigo, apenas assinalamos algumas questões pertinentes à produção dos discursos sobre a história do ouro em Jacobina.

Apesar dos impactos negativos causados pela exploração do ouro, a cidade ainda vive de seu passado. Caminhando pela cidade, encontramos em suas ruas, praças, esquinas e lojas comerciais, anúncios de festas, nomes de ruas associados à história do ouro. Quando completou 123 anos de emancipação, o jornal local *O Encarte* publicou diversas mensagens de felicitações à cidade e artigos que faziam referência à história do ouro e sua importância para o desenvolvimento da cidade. Em um desses artigos, Jacobina aparece como:

*“Uma adorável senhora de 123 anos: Jacobina senhora de muitos sonhos, senhora de muitos amores, senhora de muito ouro, nosso tesouro”.*⁷¹

Nas mensagens comemorativas enviadas pelos diversos setores da cidade, reconstrói-se a imagem de cidade senhora, que tem o ouro como símbolo de progresso e desenvolvimento. As práticas sociais nessa construção desaparecem, a cidade é construída como um ser, uma entidade, os atores sociais praticamente são excluídos da história da cidade. Ao invés da historicização de Jacobina, é evocado um passado aurífero constantemente reconstruído pela memória de alguns setores da sociedade, particularmente aqueles ligados ao poder político e econômico do lugar. O discurso homogeneizador do desenvolvimento e crescimento de Jacobina, através da exploração do ouro, é reconstruído no presente.

Com a expectativa da reabertura das atividades mineradoras, a construção da esperança de dias felizes novamente está na ordem do dia. O poder público aliado aos empresários, às famílias tradicionais locais e a outros setores ligados a esses segmentos, relacionam a idéia do progresso com a idéia da felicidade humana. É a antiga idéia do projeto iluminista de conquista da felicidade por meio do progresso científico e material.⁷²

No caso de Jacobina, a mineração passou a representar, segundo aqueles setores, salvação para se recuperar emprego e renda e para aquecer o comércio local. Reeditaram a crença na esperança de um futuro melhor. Futuro que talvez nem seja realizado, mas sonhado e construído para atender os interesses de poucos em detrimento de muitos. O discurso foi construído em torno da idéia da cidade homogênea. O suposto desenvolvimento econômico e social atingiria a todos os moradores de Jacobina. Analisar a produção discursiva desse período permitirá a construção das múltiplas histórias possíveis da cidade de Jacobina.

Notas:

¹TAVARES, Luis Henrique. *História da Bahia*. 6.ed. São Paulo: Ática, 1979, p.90.

²ACCIOLI & AMARAL, Braz. *Memórias Históricas e Políticas da Província da Bahia*. Salvador, vol.2, 1928, nota 55, p.351.

³SPIX & MARTIUS. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. 3.ed. Melhoramentos, vol.II, cap.II, p.115.

⁴FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 16.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

⁵Sobre a exploração do ouro realizada por Leonídio Miranda no distrito do Itapicuru, ver o jornal *O Lيدador*, 10/03/1935, 23/06/1935; sobre a população que chegava a cidade de Jacobina, ver *O Lيدador*, 28/10/1935; 15/12/1935.

⁶*Panorama Geral do Ouro*. Superintendência de Geologia e Recursos Minerais – SGM. Salvador, Bahia: março, 1998.

⁷APEB. *Tribunal de Justiça/ Instrumento de Agravo*. Seção: Judiciária. Cx. 2141.Doc.11.Jacobina. 1938/1939.

⁸APEB. *Tribunal de Justiça/Instrumento de Agravo*. Cx. 2141. Doc.11.1938/1939.

⁹Idem.

¹⁰Sobre essa disputa entre Leonídio e a Companhia das Minas, encontrei apenas dois processos. Na busca por informações, tentei rastrear informações sobre a existência de parentes vivos de Leonídio em Jacobina. Encontrei Dona Adélia Miranda, sobrinha de Leonídio. Ela afirmou que seu tio gastou muito dinheiro com tais processos, mas acabou perdendo o direito de explorar as terras do

Itapicuru. Dona Adélia recorda que Leonídio tentou refazer posteriormente a vida em outras cidades da Bahia, mas terminou mudando-se com a família para São Paulo em busca de uma vida melhor.

¹¹*O Lídador*. Nº 103, p.5. 07/09/1935

¹²*O Lídador*. Nº 103, p.5. 07/09/1935.

¹³*O Lídador*. Nº 28, p.1. 16/03/1934..

¹⁴SADY, Cledson. “A Imprensa em Jacobina”. In: *Academia Jacobinense de Letras: Letras Douradas*. Bahia: Rabisco, 2004, p.40-41.

¹⁵Idem, Ibidem, p.42.

¹⁶*O Lídador*. Nº 107, p.4. 01/10/1935

¹⁷*O Lídador*. Nº 101, p.1.18/08/1935.

¹⁸*O Lídador*. Nº 120, p.4. 05/01/1936.

¹⁹*O Lídador*. Nº 126, p.1.16/02/1936.

²⁰*O Lídador*. Nº 30, p.1 15/09/1933.

²¹SKIDMORE, Thomas. Brasil: De Getúlio a Castelo. 8ªed.RJ.Paz e Terra,1982, p.69.

²²*O Lídador*. Nº 101, p.1. 18/08/1935.

²³*O Lídador*. Nº, p.2. 19/02/1939.

²⁴Sobre a historicidade da história, ver FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. 8.ed. 3ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.300 e segs; ver ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN/Massangana, São Paulo: Cortez, 1999; HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. Para esse autor, o passado é continuamente reconstruído no presente. Ver também a discussão sobre o pensamento de Halbwachs. In: SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória Coletiva e Teoria Social*. São Paulo: Annablume, 2003.

²⁵*O Lídador*. Nº 180, p.4. 04/04/1937.

²⁶Entrevista com João Clarindo dos Santos. 28/07/2003

²⁷Entrevista citada.

²⁸Entrevista citada.

²⁹Entrevista citada.

³⁰*O Lídador*. Nº 145, p.1, 28/03/1936.

³¹*Panorama do Ouro* –SGM, Bahia, março,1998.

³²Entrevista com João Clarindo dos Santos. 28/07/2003.

³³Entrevista citada.

³⁴*Jornal A Vanguarda*. Nº 317. 05/11/1955, p.1

³⁵*A Vanguarda* Nº 317, 05/11/1955, p.1

³⁶*A Vanguarda* Nº 330, 11/02/1956, p.1

³⁷O Nordeste Baiano foi fundado em 10 de junho de 1967, por um grupo de universitários de Jacobina, sendo publicados apenas sete exemplares. Cf. SADY, Cledson. "A imprensa em Jacobina". In: *Academia Jacobinense de Letras*. Letras Douradas, Jacobina: Rabisco, 2004, p.43.

³⁸Acervo Particular de Dr. Florivaldo Barberino. *Nordeste Baiano*. Ano I, nº2. 01/08/1967.

³⁹*Nordeste Baiano*. Ano I, nº2.

⁴⁰Sobre a crise econômica desse período ver DELORME, Luiz Carlos Prado; EARP, Fábio Sá. "O milagre brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973)". In: DELGADO, Lucília de Almeida N. & FERREIRA, Jorge. *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.209.

⁴¹A Palavra. 21/07/1976, nº120, p.1.

⁴²Arquivo do Fórum Jorge Calmon. Juízo de Direito. 2ª Vara Cível (Jacobina). Plano Único de Pesquisa para ouro nos municípios de Jacobina, Miguel Calmon e Caen / Estado da Bahia/ DNPM nº870.600/81 a 870.618/81; ver também *História Geral da Civilização Brasileira*. Brasil Republicano. Tomo III. Vol.4. Economia e Cultura (1930-1964), p.238.

⁴³Jornal A Palavra. Nº 3, 09/06/1973, p.1

⁴⁴CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. "Academia Castro Alves". In *A Palavra*. Nº 40, 13/07/1974, p.2.

⁴⁵*A Palavra*. Nº76, 19/04/1974, p.1 ; sobre a política econômica do governo Médici, ver SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo 1964-1985*. 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p.279.

⁴⁶*A Palavra*. Nº244, 25/11/1978, p.3.

⁴⁷*A Palavra*. Nº 34, 01/06/1974, p.1 e Nº 175, 30/07/1977, p.1

⁴⁸*A Palavra*. Nº 175, 30/07/1977, p.1.

⁴⁹*A Palavra*. Nº 602, 11/02/1984, p.1.

⁵⁰Arquivo do Fórum Jorge Calmon. Diário Oficial do Estado da Bahia. 07/05/1987.

⁵¹A Palavra. Nº 720, p.1. 29/12/1984.

⁵²A Palavra. Nº611, p.10.24/04/1984.

⁵³Arquivo Municipal de Jacobina. Fundo: Câmara de Vereadores. Poder Legislativo. Cx 48/1990.

⁵⁴Arquivo Municipal de Jacobina. Fundo: Câmara de Vereadores. Poder Legislativo. Cx.50/1990.

⁵⁵Folha de Jacobina. Nº 08, p.1.05/06/1987.

- ⁵⁶SILVA, Jaime Nery da/ Meco. Depois do calçadão. In: *A Palavra*. Nº919, p.3, 14/11/1986.
- ⁵⁷Jornal *Primeira Página*. Nº02, p.1. 25/12/1992.
- ⁵⁸Arquivo Municipal de Jacobina. Poder Legislativo/ Ofícios Recebidos. Maço 01.Cx.73.1985.
- ⁵⁹Arquivo Municipal de Jacobina. Poder Legislativo/ Dissídios Coletivos. Cx.38. Maço 01.22/05/1989.
- ⁶⁰Arquivo Municipal de Jacobina. Câmara de Vereadores. Ofícios Recebidos. Maço 01-03.Cx74 (1987-1989)
- ⁶¹AMJ- Câmara de Vereadores. Maço 01-03. Cx74 (1987-1989)
- ⁶²Fórum Jorge Calmon. Processos Cíveis/ Termo de Notificação –DRT 10843/ 86 e 4056/87
- ⁶³Fórum Jorge Calmon / Processos Cíveis. CGSST/DRT/INSS. Nº060/92. Ofício Sind.Trab na Ind. 31/10/1992.
- ⁶⁴Fórum Jorge Calmon / Relatório DSO/CESAT. Nº1/92. 11/02/1992.
- ⁶⁵Fórum Jorge Calmon. 2ª Vara Cível/Processo nº 8326/92.
- ⁶⁶*Primeira Página*, Nº 162. 14 a 20/01/1996.
- ⁶⁷*Primeira Página*, p.1. 14/11/1998.
- ⁶⁸Entrevista com Pedro Silva Ramos. 05/09/2001.
- ⁶⁹Entrevista citada.
- ⁷⁰Entrevista citada.
- ⁷¹Jornal *O Encarte* - Edição especial de aniversário da cidade. "*Crônica histórica da cidade do ouro*", 28/07/2003.
- ⁷²GIANNETTI, Eduardo. *Felicidade*. São Paulo: Companhia das Letras.2002.